

As pacientes desse ginecologista saíram marcadas para sempre.

ASSÉDIO SEXUAL no consultório médico

SABRINA RUBIN

GAIL GREEBY olhava fixo para o teto. Estava vestida com uma bata de hospital, com as pernas enfiadas numa espécie de estribos. Na extremidade da cama estava agachado o ginecologista, cujo rosto se entrevia apenas por cima do lençol que a tapava desde os joelhos até a cintura.

Tanto o médico como a paciente trabalhavam no Hospital Springfield, na Pensilvânia — Gail, responsável pelo departamento de Cardiologia, e o Dr. Allan Nachlis, um dos novos ginecologistas-obstetras. Poucos meses antes, durante um exame de rotina, Nachlis descobrira células anormais no colo do útero de Gail e sugerira uma criocirurgia, procedimento em que o tecido suspeito é congelado utilizando-se óxido nítrico.



Agora, a 2 de novembro de 1992, essa mãe de dois filhos, de 37 anos, estava uma pilha de nervos no consultório particular de Nachlis em Chester, e a falta de modos deste

não estava ajudando em nada. Sua estranha conduta parecia mais a de um adolescente que a de um médico de 35 anos.

Gail respirou profundamente, enquanto Nachlis lhe introduzia um instrumento médico com a mão es-

pois tudo recomeçou. A coisa durou alguns segundos. Gail sentiu-se estupefata demais para falar. Depois, vestiu-se depressa e saiu dali.

Num exame clínico, é difícil de dizer em que ponto se infringem as regras. Onde fica a barreira entre uma

procura delicada de glândulas em crescimento e uma carícia? Neste caso, porém, Gail sabia que a barreira tinha sido ultrapassada.

Durante a semana seguinte, não falou a ninguém do sucedido, tentando entender o que se passara. «Mas a cada minuto do dia, no trabalho, em casa, aquilo não me saía da cabeça», recorda ela. «Eu sabia que o Dr. Nachlis tinha feito algo errado.»

Por fim, ela contou ao marido o que acontecera, e Burton Greeby aconselhou-a a falar sobre aquilo com outra pessoa.

Gail preencheu uma ficha no gabinete do promotor público e a seguir narrou sua história à detetive Kathryn Smith. Mandou também uma queixa escrita para a Ordem dos Médicos da Pensilvânia. Quatro meses depois, a policial telefonou-lhe, contando que

tinha interrogado Nachlis. Ao ser informado da queixa, ele não se lembrara de quem era Gail Greeby, mas disse que «não devia, não podia e jamais molestaria» uma paciente da forma descrita por ela.



No tribunal, Gail hesitou. «Ainda é muito difícil falar no assunto.» Ela espera que sua filha nunca passe por uma experiência assim.

querda. Depois, com a direita, começou a acariciá-la devagarzinho. «Isso não pode fazer parte do procedimento», pensou ela. No que ele levantou os olhos para fixar os dela, seus dedos fizeram uma pausa e de-

A detetive revelou também uma bomba: Nachlis tinha ficha criminal. Em 1987, fora julgado culpado num incidente em que tinha tocado uma assistente de maneira imprópria em seu consultório de Pittsburgh. Kathryn Smith disse que, se os pormenores dessa investida tivessem sido mais parecidos com os do relatório de Gail, poderia ter havido motivos para instaurar um processo. Mas o testemunho de uma só mulher não era o suficiente, e a investigação já estava encerrada. Quanto à carta de Gail para a Ordem dos Médicos, tinha ficado sem resposta.

Em todos os aspectos, a família de Nachlis era a imagem da família feliz. Allan, sua mulher, Marian, e seus dois filhos viviam em Havertown, na Pensilvânia, nos arredores de Filadélfia. Apesar de seus dias atarefados de vaivém entre o consultório e o Hospital de Springfield, Nachlis conseguia sempre tempo para estar com os filhos. Esforçava-se por garantir que a educação deles fosse diferente da sua. Em Wilkes-Barre, tendo sido o mais velho de três filhos, Nachlis recebera dos pais aquilo a que eles chamavam de amor duro. Contou certa vez a um psicólogo que tinha tido pouco aconselhamento por parte do pai e que sua mãe fora fisicamente violenta com ele.

Marian e Allan casaram em 1978 e, depois de Allan ter acabado o curso na Universidade de Medicina de Hahnemann em 1980, o casal se mudou para Detroit, para o estágio de Allan; depois para Pittsburgh, e

finalmente, em 1988, para Havertown. Mas as mudanças, mais que passos para um futuro perfeito, foram um trajeto para longe do passado de Nachlis.

Em Detroit, ele foi acusado de «contato sexual impróprio» com uma paciente. O assunto foi resolvido fora do tribunal, em favor da moça. Nachlis continuou seu estágio e recebeu licença para exercer a medicina na Pensilvânia. Em Pittsburgh, em 1984, tornou-se médico assistente do Hospital de Senhoras de Magee. Abriu um consultório e inscreveu-se numa Associação de Médicos. Em 1986, foi convidado a sair desse grupo, aconselhado pelo diretor a «procurar ajuda». (A associação diz que não tinha provas de mau comportamento no processo de Nachlis.)

Em junho de 1987, ele empregou uma assistente de 21 anos para ajudá-lo no consultório. Ela estava lá há uma semana quando Nachlis apalpou seus seios e fez-lhe outras investidas sexuais. Ele se confessou culpado de assédio sexual simples e foi condenado a 2 anos de liberdade condicional.

QUANDO a família se mudou para Havertown, Nachlis teve ordem para se manter em contato com seu agente de liberdade condicional, mas conseguiu de algum modo escapar pelo sistema de registros médicos. No verão de 1988, com dois anos e meio de liberdade condicional ainda para cumprir, ele já trabalhava na Universidade de Medici-

na da Pensilvânia. No mês de abril seguinte, abriu um consultório. Em dezembro de 1990, entrou para a firma Levin-Rech Associates, que tem consultórios em Chester e Claymont, Delaware.

Para exercer em Claymont, teve de pedir uma licença médica de Delaware. Aqui, novamente, seu passado de médico deveria ter vindo à tona em sua ficha com a condenação por assédio sexual simples, mas o incidente de Pittsburgh não foi referido porque os serviços de licenças da Pensilvânia nunca apresentaram queixa formal contra ele. A licença de Nachlis em Delaware foi concedida sem dificuldades.

Mais estranho ainda, o registro da condenação de Pittsburgh tinha chegado ao serviço de licenças do estado de Nova York, onde Nachlis requerera uma, mas onde nunca havia exercido a profissão. O serviço fez sua própria investigação, que culminou com um aviso de fim de validade da licença do médico naquele estado. Não ficou claro se a Pensilvânia ou Delaware souberam do processo de Nova York.

O SISTEMA não é para funcionar assim. Uma vez que um médico é condenado por um crime, o tribunal deve notificar os serviços de licenças estaduais, os quais podem proceder à sua própria investigação e aplicar punições. Os resultados são enviados para um banco de dados nacional, para que, se o médico tentar exercer medicina em qualquer outro estado, estes possam iniciar

suas próprias investigações. O ideal é que hospitais, responsáveis pela saúde e diretores de empresas de serviços de saúde tenham acesso a esse banco de dados.

Mas os tribunais nem sempre comunicam uma condenação. Os serviços de licenças são capazes de descobri-las por outras formas — por exemplo, investigando uma queixa de um paciente — ou, como pode ter acontecido no caso de Nachlis, nunca chegar a ter conhecimento do ocorrido.

MARSHA Ryan entrou no consultório de Nachlis em janeiro de 1994. Senhora de 41 anos, de Wilmington, em Delaware, ela fez uma biópsia durante a qual uma enfermeira esteve a seu lado segurando-lhe a mão.

No meio da prática, Marsha sentiu os dedos de Nachlis tocá-la com intenções sexuais. Julgando tratar-se de um acaso, ela não falou sobre isso a ninguém e voltou para uma criocirurgia. Mas desta vez não podia haver engano: ela sentiu Nachlis tocá-la, fazendo-lhe carícias «como se estivesse tentando me excitar».

Marsha contou ao marido e foi à polícia. Depois de saber pelos serviços de Delaware que Nachlis também tinha licença para exercer na Pensilvânia, o detetive Mark Seifert contactou as entidades oficiais do estado. Tanto um departamento da administração como o promotor público do Tribunal de Delaware recordaram-se da queixa de Gail Greeby. A 22 de abril de 1994, um ano

após o caso Greeby ter sido encerrado, foi emitida em Delaware uma ordem para a prisão de Nachlis.

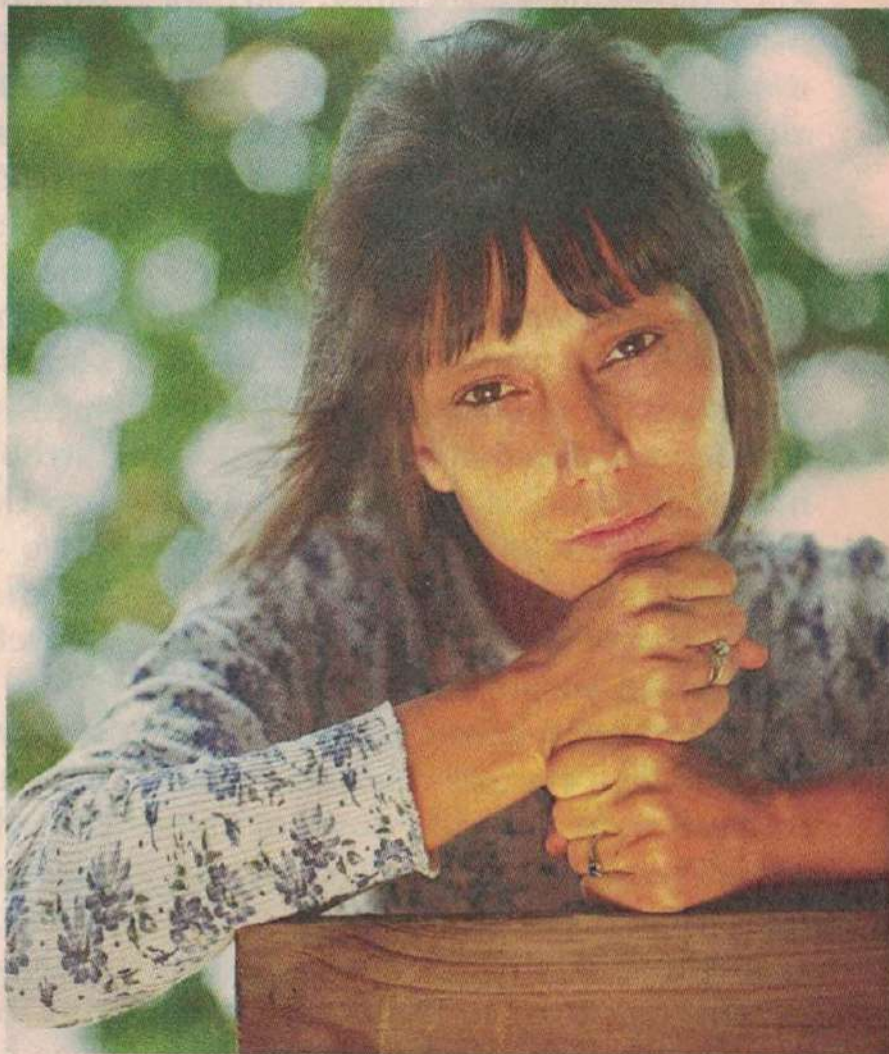
MAIS tarde nessa semana, Gail Greeby viu o rosto de Nachlis no telejornal da noite. O repórter dizia que ele ia ser preso em Delaware por contato sexual ilícito. Ela então se comunicou com a detetive Kathryn Smith, que lhe explicou que o caso de Delaware era quase idêntico ao seu. Sentindo-se vitoriosa e aliviada, Gail conta que ligou para o gabinete do promotor público e perguntou: «E agora? Vocês vão tomar alguma atitude com relação a ele?»

DENISE Schreffler, de 30 anos, ia a caminho da farmácia quando seu pai passou de carro. «A gente acredita em você, Denise. Leia o jornal de hoje.» Ela começou a chorar quando abriu o *Daily Times* de Delaware e viu a fotografia de Nachlis com o título «MÉDICO ACUSADO DE ASSÉDIO SEXUAL.»

Ela não podia esquecer aquele rosto. Seis meses antes, julgando estar grávida, ela foi ao consultório de Nachlis. Ele a sujeitou a um exame de 10 minutos nos seios, perguntando ao mesmo tempo: «Você gosta de fazer amor? Sente prazer?» Durante seu exame pélvico, ele a tocou de forma sexual e fez-lhe carícias entre as pernas, di-

zendo-lhe para relaxar, que tudo correria bem.

Denise ficou chocada, mas não disse nada — afinal, tratava-se de um *médico*. Depois, enquanto estava deitada, com as pernas nos estri-



Perguntada por que estava processando o Dr. Nachlis, Denise respondeu: «Porque ele tirou algo de mim.»

bos, Nachlis ficou nos pés da cama olhando para sua área genital durante um bom tempo. Não confirmada a sua gravidez, Denise saiu rápido do consultório e contou aos pais e ao marido o que tinha ocorrido. Ninguém acreditou nela, a não ser sua mãe.